

As contribuições de Karl Abraham

A importância de Karl Abraham é notória pela curta mas intensa interlocução com Freud. Por sua teoria, tornou-se um autor obrigatório para o estudo da melancolia, merecendo de Freud palavras enfáticas em sua homenagem, por ocasião de sua morte precoce, aos 48 anos, no dia de Natal de 1925.

Nascido em 1877, em Bremen, Alemanha, Abraham decide cursar medicina e, após passar por várias universidades, finaliza seu curso na cidade de Freiburg, próxima à fronteira suíça. Começa a trabalhar como assistente de Eugen Bleuler no Burghölzli Swiss Mental Hospital, em dezembro de 1904, quando entra em contato com as idéias de Sigmund Freud, através de Gustav Jung. No final de 1907, visita Freud com a finalidade de se aconselhar a respeito de sua vida profissional. Em consequência, resolve voltar para Berlin em 1908. Organiza seu consultório e passa a ter importância fundamental no movimento psicanalítico, participando com aulas e supervisões no Instituto de Psicanálise de Berlin, fundado por ele em 1910.

Seu último contato com Freud data de agosto de 1924, em Simmering, um ano e quatro meses antes de sua morte.

Em citações que aparecem entre 1912 e 1932, de “Totem e Tabu” até as “Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise”, Freud se refere a Abraham como um grande parceiro na construção de sua teoria e aquele que, em suas formulações, mais contribuiu para o entendimento das psicoses, em especial dos quadros depressivos.

As contribuições de Abraham para o entendimento da melancolia são de extrema relevância. Foi um tema sobre o qual se debruçou e no qual ajudou a expandir a circunscrição feita por Freud, estabelecida em 1917, no artigo “Luto e Melancolia”.

A obra de Abraham é dividida em três partes. Seus primeiros escritos versam sobre a demência precoce, o alcoolismo e artigos sobre sonhos e mitos. No segundo grupo, destacam-se ensaios sobre a ejaculação precoce, fantasias oníricas históricas, neuroses de guerra, e o complexo de castração nas mulheres. No

terceiro grupo, Abraham desenvolve sua teoria sobre o estágio pré-genital do desenvolvimento, escrevendo dois livros: um sobre formação do caráter, e outro a respeito da evolução da libido.

No campo da psicopatologia inseriu grandes contribuições sobre a psicose maníaco-depressiva e a diferenciou da neurose obsessiva através da análise minuciosa das relações com o objeto.

O primeiro trabalho que enfoca a melancolia é datado de 1911, apresentado no Congresso de Weimar, abordando a relação que existe entre a depressão e o luto. Diferencia a tristeza da depressão, alegando que a primeira é um sentimento de natureza consciente, enquanto que atribuía à segunda uma natureza inconsciente, ligada à necessidade de abandonar um objetivo sexual sem que se tivesse obtido a satisfação desejada.

Após a leitura de “Luto e Melancolia” (1917), Abraham aceita a idéia de Freud para aproximar o luto normal do luto melancólico, mas pensa que a metapsicologia desenvolvida é insuficiente para explicar os sintomas dos melancólicos. Para Abraham não basta dizer que a melancolia é um luto que não se processou. Com a teoria do desenvolvimento da libido, Abraham ampliou o campo de entendimento da melancolia, estabelecendo, inclusive, sua psicogênese na qual nos deteremos a seguir.

Abraham parte da idéia que toda perda gera um sentimento depressivo que ocasiona uma perturbação libidinal, incapacitando o indivíduo para amar. Isto é o resultado do ódio que, ao ser projetado para o exterior, leva o sujeito a responsabilizar o mundo por sua infelicidade. Este mecanismo desperta impulsos sádicos, com desejo de vingança e atitudes hostis em relação às pessoas. A supressão desses impulsos leva ao aparecimento de culpa e auto-acusações, revelando assim uma satisfação masoquista. Esta dinâmica do amor e do ódio interfere no desenvolvimento normal da libido causando uma anomalia. Abraham explica esta anormalidade categorizando a evolução da libido, influenciada por uma dimensão desenvolvimentista.

Em seu livro, publicado em 1927, Abraham toma como ponto de partida o artigo de Freud “Os três ensaios sobre a sexualidade infantil” (1905), com base nos acréscimos realizados em 1915.

Freud desenvolve a idéia de uma organização pré-genital a partir de seus estudos de 1913 sobre a neurose obsessiva. Na seção acrescida em 1915, ele se

detêm nas fases do desenvolvimento da organização sexual, e destacamos os aspectos relacionados ao que chamou de “organização pré-genital”. Considera então as fases oral ou canibalesca, e a fase sádico-anal. A primeira tem como base operacional o processo de incorporação (protótipo da identificação) e a segunda, sob a égide da pulsão de dominação, se expressa com o predomínio da atividade, através da musculatura, e da passividade, pela sensibilidade da membrana anal. Essas duas atividades pulsionais parciais agem concomitantemente, mantendo, porém, diferentes finalidades com relação aos objetos.

Abraham complementa a teoria de Freud, tendo a abordagem da melancolia e da neurose obsessiva como ponto de partida a partir da presença da ambivalência em ambas. Abraham foca a relação que os dois quadros psicopatológicos estabelecem com os objetos. Assim, chega à conclusão de que o neurótico obsessivo, possuído pela ambivalência, estabelece um conflito entre as duas tendências da libido. No caso do melancólico, o desejo inconsciente é destruir seu objeto amoroso, fazendo com que se dirija ao objeto com o desejo de incorporá-lo, e assim, devorá-lo e destruí-lo, escapando do conflito ambivalente. Desta forma, o melancólico regride à fase oral canibalesca. Pode-se depreender desta comparação que, enquanto a ambivalência fica insolúvel na neurose obsessiva, a corrente hostil da libido se torna predominante na melancolia, fazendo com que a parte amorosa seja expressa pela incorporação do objeto, numa tentativa de mantê-lo destruído em vida, resolvendo o conflito ambivalente de forma regressiva. Podemos adiantar que é a ambivalência que coloca o melancólico em xeque-mate. Não sustentando a divisão provocada pela ambivalência, ele regride. Este raciocínio se refere ao momento de crise, já que nos “intervalos livres” as correntes de amor e ódio estão em razoável equilíbrio, assemelhando-se à neurose obsessiva.

Outra diferença apontada por Abraham é a anterioridade da experiência de perda vivida na melancolia e a ameaça de perda no neurótico obsessivo. Daí as duas patologias se expressarem com sintomas depressivos relacionados a uma perda: ou como ameaça na neurose obsessiva, ou como efetivamente sofrida na melancolia.

Outro ponto destacado por Abraham é a diferença de curso clínico. A neurose obsessiva apresenta um caráter crônico e contínuo, enquanto que a melancolia apresenta uma periodicidade característica. Pelo fato de ambas

apresentarem nos intervalos livres comportamentos semelhantes, foi necessário fazer uma distinção. Abraham se utiliza da formação do caráter, atribuindo uma nomenclatura diferenciadora: um caráter melancólico, que considera anormal e, um caráter obsessivo.

O que é importante na aproximação e na distinção da melancolia com a neurose obsessiva é que ambas têm uma referência comum: regressão a uma fase pré-genital da libido. A diferença se acentua pelo ponto de fixação que ocorre nas duas patologias, que resulta em suas características clínicas.

Até então, de acordo com os escritos freudianos, são identificadas três fases do desenvolvimento da libido: oral, sádico-anal e genital. Dois aspectos são revelados pelas pesquisas clínicas: o erotismo anal contém duas tendências de prazer, opostas, que coexistem no campo dos impulsos sádicos, uma ativa e outra passiva, ou seja, uma tendência a destruir o objeto, e outra a conservá-lo.

Abraham diz que na fase sádico-anal, devido à importância do objeto de amor, devem ser convocadas todas as forças das fixações libidinais positivas para lutar contra a livre fruição dos sentimentos hostis contra o objeto, para que eles não se tornem fortes demais. Se as tendências conservadoras de reter e controlar sentimentos prevalecerem, este conflito dá lugar a fenômenos compulsivos, como os encontrados na neurose obsessiva. Se prevalecerem as tendências sádico-anais opostas, aquelas que visam a destruir e expelir o objeto, ocorre uma depressão melancólica.

Uma excelente pista é destacada por Abraham ao afirmar que, dentro de uma escala desenvolvimentista, os impulsos para destruir e expelir o objeto são mais antigos do que o de reter e controlar.

Dentro de um foco da normalidade esperada, Abraham assim descreve a relação com o objeto: no começo, a libido da criança carece de objeto, e, portanto é auto-erótica. Posteriormente, ela toma o ego como primeiro objeto e somente mais tarde ela se volta para os objetos externos, mantendo durante algum tempo um conflito ambivalente que é superado num estágio avançado da infância, mantendo uma relação amistosa com o objeto.

Seu texto indica que a neurose obsessiva e a melancolia diferem quanto ao aspecto regressivo, refletindo sua relação com o objeto. Na neurose obsessiva, a regressão se dá em um estágio anterior ao momento expresso pela destruição e

perda do objeto. Conserva-o, portanto, diferentemente da melancolia que, na regressão, abandona seu objeto tornando os resultados bastante desfavoráveis.

Em outra vertente da avaliação da melancolia, Abraham aborda a introjeção do objeto de amor, descrito anteriormente por Freud (1915-1917). Associa este mecanismo às auto-acusações manifestas pelo melancólico dirigidas à pessoa amada. Enquanto a relação com o objeto é vista pela lógica sádico-anal, a introjeção revela um procedimento mais primitivo do desenvolvimento da libido, ou seja, é explicada pela lógica da oralidade, da incorporação física. Ao incorporá-lo, segundo Freud, o sujeito, mantendo o objeto vivo, instala-o no seu Eu.

Abraham ressalta que a introjeção ocorre em todas as pessoas, apontando, entretanto, algumas diferenças.

O que é importante neste desdobramento de sua teoria é entender para que serve a introjeção, se para conservar o objeto e poder, pouco a pouco, elaborar o luto, ou se para romper o vínculo com este objeto. Quando ocorre em uma pessoa normal, motivada pela perda real, a introjeção funciona como um mecanismo de conservação da relação da pessoa com o objeto morto, compensando assim sua perda, e tem um caráter temporário. O melancólico, por não ter conhecimento do que perdeu junto com o objeto, retoma em si o objeto, através de uma identificação de natureza narcísica, de caráter permanente. As tendências hostis contra o objeto, que já existiam, estabelecem um conflito radical marcado pela existência de sentimentos ambivalentes, dos quais somente consegue fugir refugiando-se na oralidade. Volta contra si próprio a hostilidade, antes sentida em relação ao seu objeto. Assim, além de um conflito entre as tendências da libido, existe também um conflito intra-egóico.

A partir deste raciocínio, apoiado na observação clínica, Abraham postula que “o inconsciente encara a perda de um objeto como um processo anal e sua introjeção como um processo oral”. Complementa sua afirmação escrevendo que o melancólico está sempre tentando fugir de seus impulsos sádico-anais.

Abraham investiga, por conseguinte, como se processam os mecanismos típicos da fase oral. Estabelece uma nova nomenclatura, levando em conta a presença, ou não, da ambivalência nas ações típicas dessa fase do desenvolvimento da libido.

Dentro da fase oral são destacados dois procedimentos: um de sugar, pré-ambivalente, e outro de morder, já ambivalente, tendo chamado este último de

sádico-oral. No momento da perda do objeto amado, o melancólico, envolvido em um conflito ambivalente que culmina com a vontade de destruir o objeto amado, escapa desse impasse. Regredir para fases mais primitivas, sugando (devorando) o objeto até que o conflito ambivalente se torne mais ameno, menos violento. Estabelece-se assim uma relação ambivalente mais viável, que persiste nas outras fases do desenvolvimento, embora nunca alcance um estágio que o liberte do conflito ambivalente, marcando, portanto, sua característica de relação objetal. Mezan (1999) escreve que a melancolia se expressa não só no dialeto sádico-anal, mas também sob a forma de um vínculo oral com o sadismo.

A apresentação do desenvolvimento da libido é enunciada da seguinte forma, segundo Abraham:

- a fase oral primitiva, caracterizada pela sucção, auto-erótica, sem objeto externo e pré-ambivalente;
- a fase oral posterior, canibalesca, narcísica, com incorporação total do objeto e ambivalente;
- a fase sádico-anal primitiva, com amor parcial pelo objeto, com incorporação, ambivalente;
- a fase sádico-anal posterior, com amor parcial pelo objeto, sem incorporação e ambivalente;
- a fase genital inicial (fálica), com amor objetal não genitalizado, ambivalente;
- a fase genital final, caracterizada pelo amor objetal, livre do conflito ambivalente.

Ao postular a psicogênese da melancolia, Abraham reúne os seguintes elementos: um fator constitucional, herdado, que exacerba o erotismo oral; uma fixação da libido neste estágio oral do desenvolvimento; sucessivos desapontamentos amorosos infantis, antes que os desejos edípicos tenham sido superados, culminando com grave lesão ao narcisismo, e a repetição do desapontamento primário na vida ulterior, desencadeadora da depressão melancólica. Abraham acrescenta que os desapontamentos amorosos em questão envolvem a relação da criança com a mãe, para quem, mais tarde, se dirigirão todos os seus sintomas.

A explicação que o autor dá para as auto-acusações revela um procedimento psíquico de introjeção do objeto amado em torno do qual é

construído seu Eu-ideal, passando a funcionar como consciência para ele. A autocrítica é, portanto, o resultado da vociferação desse objeto amado perdido e introjetado, embora, em última análise, o conteúdo dessas auto-acusações seja uma crítica severa e impiedosa contra o objeto amado instalado no Eu.

Abraham resume a psicogênese da melancolia:

Quando as pessoas melancólicas sofrem uma decepção insuportável por parte de seu objeto de amor, elas tendem a expelir esse objeto como se fossem fezes, e a destruí-lo. Logo após, realizam o ato de introjetá-lo, e devorá-lo, ato que é uma forma especificamente melancólica de identificação narcísica. Sua sede de vingança encontra então satisfação atormentando o ego, atividade que, em parte, dá prazer. Temos a razão de supor que este período de autotormento dura até que o decorrer do tempo e o apaziguamento gradual dos desejos sádicos tenham afastado o objeto amado do perigo de ser destruído. Quando isto acontece, o objeto amado pode, por assim dizer, sair do seu esconderijo no ego e o melancólico restaurá-lo em seu lugar no mundo exterior (Abraham, 1970, p.123).

O motivo para apresentar de forma sistemática estas passagens pelas etapas do desenvolvimento libidinal é mostrar que elas, na verdade, revelam modos de satisfação das pulsões que admitem, por definição, modos de gozo libidinal, lado a lado com as tendências inerentes à própria dualidade pulsional. Ou seja, mesmo como uma forma de gozo libidinal, estão envolvidos mecanismos de destruição que também se satisfazem. As finalidades de destruir, eliminar, controlar, morder, despedaçar, por exemplo, são modos de expressão do sadismo, tanto de forma oral como anal. Encontramos em Abraham um relato exemplar desta discussão:

Na etapa da atividade bucal da mordida, o objeto é incorporado e sofre a destruição. Basta olhar uma criança para avaliar como é intensa sua necessidade de morder, e perceber como necessidade alimentar e libido se acham misturadas. É o estágio das pulsões canibais. Caso a criança sucumba aos encantos do objeto, ela sofre o risco ou é obrigada a destruí-lo. A partir daí, a ambivalência reina na relação do eu com o objeto (Abraham, 1970, p.112).

Dentro de uma perspectiva crítica, Mezan (1999) ressalta um aspecto importante. A melancolia não pode ser descrita como o resultado de um conflito de tendências pulsionais predominantes, mas uma tentativa de escapar deste

conflito. O sintoma, como forma de expressar o sofrimento psíquico, é consequência do impulso e da defesa contra o impulso de destruir o objeto. A incorporação e a introjeção do objeto são formas de manter vivo o objeto amado contra o qual o impulso de destruição se dirige. E mais, dizer que o melancólico tende para a fase oral canibalesca pré-ambivalente equivale a dizer que se trata de uma tendência, e não de um sentido que invariavelmente se alcança. “Se a regressão chega até lá, ele se mata... O sujeito introduz em si, destrutivamente, o objeto, mas para usufruir dele e para, de certo modo, o conservar” (Mezan, 1999).

É por esta perspectiva de uma tendência que encontramos, na clínica, toda uma sintomatologia que revela as tentativas de esconder e revelar, em outras palavras, significa apagar os rastros que a diferença estabelece nas relações objetais. A perda de objeto só é importante na dinâmica melancólica se esta perda representar uma ameaça de destruição do Eu. Daí, o termo “dialeto” oral utilizado por Mezan, em que a sintaxe destrutiva é respondida com um procedimento psíquico de igual violência. Na verdade, a ligação com o objeto que o melancólico estabelece é marcada pela ameaça de que o objeto seja para sempre perdido, posto que, por senti-lo perdido, o sujeito não tem qualquer dúvida. É esta certeza que aparece discursivamente na queixa melancólica. A angústia provocada por tal ameaça representa a angústia do Eu diante do perigo de não sobreviver ao desaparecimento do objeto.

Complementando o que foi dito antes, a melancolia é muito mais uma forma de expressar regressivamente a tentativa de manter o objeto perdido, como vivo, do que o resultado do procedimento regressivo em si. Não é a perda que faz regredir, mas é para não assimilar a perda que se regride (Fédida, 1999). Este autor escreve:

O canibalismo seria, então, a expressão mítica de um luto melancólico – espécie de assassinato – de um objeto, sob o encanto do qual o Eu foi colocado e do qual ele não consegue resolver-se a se separar, como mostra a angústia de mantê-lo presente a partir de sua ausência (Fédida, 1999, p. 67).

É importante ressaltar que, paralelamente às suas sistematizações teóricas, Freud está elaborando os impasses que resultarão em uma nova dualidade pulsional e uma nova tópica para o psiquismo, deslocando o escopo no conflito

pulsional para focalizar o conflito entre as instâncias. Mais uma vez citando Mezan (1999):

... a identificação que geraria o superego se degrada numa identificação canibal com os traços agressivo-orais dos objetos chamados pai e mãe. Conseqüentemente, o superego dessa pessoa apresentará traços de crueldade oral na sua vida adulta... uma certa forma de apreensão do objeto é impressa na psique, e predominará a cada vez que houver na experiência algo que exija acionar aquela configuração (Mezan, 1999).

Fédida (1999) defende a idéia de que o conceito de incorporação se apóia em uma “imagem” que vai garantir à oralidade a função de um modelo, caracterizando-o como uma forma primitiva de identificação associada a um conteúdo corporal. Freud e Abraham concordam que o termo canibalismo reflete uma forma primitiva de gozo, violenta, frente à experiência de “perda de qualquer limite” (Fédida, 1999, p. 61).

Para uma compreensão mais precisa do que ocorre na constituição da melancolia, faz-se necessário que examinemos as particularidades do narcisismo nesta formação clínica.